

A MATÉRIA DOS SONHOS



Escrito por Fabiano Gonçalves em 3 jul 2016

Pianista Federico Colli, Sinfônica Brasileira e maestro Neil Thomson fazem um Rachmaninoff para ficar na memória

Ele entrou na imponente ribalta com suavidade e recato. Jovem – à beira dos 28 anos – e esguio, tinha os cachos levemente desgrenhados e os olhos claros salientados pelo lenço azul amarrado ao pescoço, à maneira de um dândi de outrora, como parece ser hábito seu. A plateia foi silenciando-se à medida que ele avançava, tímido, rumo ao piano de cauda. As primeiras notas da *Sonata n. 22 em fá maior, Op. 54*, de Beethoven, soaram pequeninas. O primeiro movimento (*In tempo d'un menuetto*) ganhou certa personalidade barroca em meio a seus dois temas contrastantes. O segundo movimento (*Allegretto*), de início com escalas ascendentes, foi tocado com mais vigor. Sozinho no palco, interpretando essa menos conhecida obra beethoveniana (escondida entre as irmãs famosas, *Waldstein* [Op. 21] e *Appassionata* [Op. 23]), o pianista italiano **Federico Colli** começou o arrebatamento do público presente no Theatro Municipal do Rio de Janeiro no dia 25 de junho.

A **Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB)** entrou em cena em seguida, acompanhada pelo maestro britânico **Neil Thomson**, com o objetivo de acompanhar Colli na execução do *Concerto para piano n. 3 em ré menor, Op. 30*, de Rachmaninoff. O solista beijou a mão da *spalla* como já não mais se faz e continuou exalando romantismo com uma interpretação apaixonada e tecnicamente impressionante dessa que é conhecida por ser uma das mais difíceis do autor.

O pianista deu, ao conhecido tema do primeiro movimento (*Allegro ma non tanto*), colorido vivo e com um toque de mistério na exata medida. A OSB foi além de sua habitual qualidade e emanou incrível sonoridade. Regida por Thomson, fez suas cordas soarem ainda mais vibrantes, transbordando energia e doçura no segundo movimento (*Intermezzo: Adagio*). Mesmo com os músicos a pleno vapor, o caucasiano maestro enrubescia, seus olhos cinzentos cintilavam e suas mãos clamavam por mais som e mais sentimento – e era prontamente atendido pela orquestra. No rápido e vigoroso terceiro movimento (*Finale: Alla breve*), a coroação de um momento inesquecível, uma performance na qual todos os músicos, em especial regente e pianista, demonstraram profundo conhecimento do funcionamento orgânico da obra do russo, que permanecerá por muito tempo na memória de quem se deixou arrebatado.

Após longa saraivada de aplausos, Colli voltou ao palco e anunciou, em português perfeito, uma sonata de Scarlatti como bis. Adorável!

Foi do húngaro Zoltán Kodály (1882-1967) a obra executada pela OSB depois do intervalo: *Danças de Marosszék*. O conjunto reproduziu toda a exuberância da Europa Oriental contidas na partitura, composição nacionalista oriunda de intenso trabalho etnomusicográfico. Encantadores solos de flauta, flautim e clarineta decoraram a obra. O distrito de Marosszék, na Transilvânia, não mais existe, mas a música permanece, cheia de vida e intensidade.

Da Hungria para a Dinamarca de Carl Nielsen: sua *Sinfonia n. 2, Op. 16 – Os Quatro Humores* encerrou o concerto. Composição multicolorida e de grande riqueza orquestral (nascida, segundo o próprio compositor, durante o consumo de um copo de cerveja), apresenta quatro sensações, espalhadas pelos movimentos – *Allegro colerico* (colérico), *Allegro comodo e flemmatico* (sereno), *Andante malincolico* (melancólico) e *Allegro sanguineo – Marziale* (sanguíneo). Trabalho intenso das cordas, forte presença dos metais e intensa percussão mostraram a exuberância e a versatilidade da Sinfônica Brasileira e a inteligência musical de Thomson.

Se a música integra a composição da matéria dos sonhos, este concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, acompanhada por Federico Colli e Neil Thomson, foi uma belíssima quimera da qual o público carioca se lembrará por muito tempo.



Colli, OSB e Thomson

Fotos: Cícero Rodrigues